

Corpus África: as cinco variedades africanas do português

Maria Fernanda Bacelar do Nascimento¹,
Luísa Alice Santos Pereira¹, José Bettencourt¹,
Antónia Estrela¹, Sancho Oliveira² & Rui Santos²

¹Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

²Centro de Física Teórica e Computacional da Universidade de Lisboa

1. Constituição do *Corpus África*

O *Corpus África*, recentemente criado no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa¹, é constituído por cinco *subcorpora* orais e escritos das variedades africanas do português (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe), englobando mais de 3.000.000 de palavras. Estes *subcorpora* são comparáveis entre si, em dimensão (cerca de 640.000 palavras cada um), cronologia (últimos 20 anos), distribuição (língua falada – língua escrita) e estrutura interna (língua falada: 4%, essencialmente constituída por discurso informal; língua escrita: 96%, distribuída por 19% de livros literários, 52% de jornais e 25% de *varia*).

Do *corpus* oral fazem parte, essencialmente, conversas informais e, embora em número reduzido, algumas amostragens de discurso formal, como entrevistas da rádio ou discursos políticos. Da totalidade do *corpus* oral constam 80 gravações, 45 de homens e 35 de mulheres, naturais e residentes nos países africanos ou com pouco tempo de permanência fora desses países. Relativamente ao nível de escolaridade, 80% dos falantes tem um nível médio ou superior e 20% um nível de escolaridade primário.

Como é sabido, para as variedades europeia e brasileira do português é significativo o número de *corpora* orais e escritos disponíveis que possibilitam a observação

¹ Este *corpus* foi construído e explorado no âmbito dos projectos “Recursos Linguísticos para o Estudo das Variedades Africanas do Português” do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) e do Centro de Física Teórica e Computacional da Universidade de Lisboa, e “Especificidades das Variedades Africanas do Português face à Norma-padrão do Português Europeu”, do CLUL. O primeiro teve como objectivo a construção de um *corpus* de variedades africanas do português e, a partir dele, a extracção de um léxico contrastivo dessas mesmas variedades, e, o segundo, o de estabelecer as principais especificidades gramaticais observadas no *corpus*, com fins pedagógicos. Os projectos foram financiados, o primeiro pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia ao abrigo do Programa Lusitânia, e pela Fundação Calouste Gulbenkian, e o segundo pela Fundação Calouste Gulbenkian. Apoiaram o primeiro projecto o Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral (CIDAC), a Universidade Aberta de Lisboa, o Instituto Camões, a Embaixada da República Democrática de São Tomé e Príncipe e o Grupo de Linguagem Natural do Departamento de Informática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Foram consultoras do primeiro projecto Perpétua Gonçalves e, do segundo, Perpétua Gonçalves e Amália Mendes (Cf. mais dados sobre os projectos em http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/linguistica_de_corpus.php).

das suas características lexicais e gramaticais, para além dos vários *corpora* de fala a partir dos quais são feitos estudos de fonética e de fonologia. Em contrapartida, as variedades africanas, à excepção da variedade de Moçambique de que existia já um excelente *corpus* de língua falada (Cf. Stroud, Christopher e Perpétua Gonçalves (orgs.) 1997a) e b); Gonçalves, Perpétua e Christopher Stroud (orgs.) 1998; Gonçalves, Perpétua e Christopher Stroud (orgs.) 2000; Gonçalves, Perpétua e Christopher Stroud (orgs.) 2002) careciam da disponibilização de dados semelhantes, o que inviabilizava, pelo menos até há pouco tempo, que sobre essas variedades se realizassem estudos sistemáticos baseados em dados empíricos.

O facto de os 5 *subcorpora* serem comparáveis viabiliza a realização de estudos contrastivos entre as cinco variedades africanas do português, a nível lexical, morfossintáctico, sintáctico, semântico e pragmático. Estes mesmos estudos contrastivos poderão ainda ser feitos entre estas variedades africanas e outras variedades do português. A possibilidade de acesso ao material sonoro possibilita, ainda, nos casos em que a qualidade da gravação o permite, estudos de carácter fonético, fonológico e prosódico.

No Quadro 1 pode observar-se a dimensão total e a repartição, por variedades, do *corpus* África.

PAÍSES	CORPUS ORAL	CORPUS ESCRITO	TOTAL
Angola	27.363	613.495	640.858
Cabo Verde	25.413	612.120	637.533
Guiné – Bissau	25.016	615.404	640.420
Moçambique	26.166	615.297	641.463
São Tomé e Príncipe	25.287	614.563	639.850
Total	129.245	3.070.879	3.200.124

Quadro 1. Dimensão do *corpus* África e repartição por variedades.

2. Consulta ao *Corpus*

A consulta ao *corpus*² faz-se mediante a observação de concordâncias em formato KWIC, organizadas por *subcorpora*, como se ilustra a seguir, nos exemplos 1 a 7, com um excerto de concordâncias do vocábulo CHEGAR extraídas do *subcorpus* oral de Moçambique:

1.

onde fiz o meu quarto ano que hoje chamam ... oitava classe ha nesse contexto portanto saí ... do Chócué ... é/ exactamente ha para maputo portanto...

cheguei # Tot: 2 N°: 2 Ref: MOC11_VARAFR_ORAL

² Em www.clul.ul.pt/sectores/linguistica-de-corpus/projecto-rld-pesquisa-AFRICA.php. As concordâncias vêm acompanhadas da respectiva referência bibliográfica codificada; a descodificação destas referências pode ser pedida à equipa do CLUL (luisa.alice@clul.ul.pt).

cá em maputo não foi possível continuar os estudos e optei por começar ... a trabalhar arranjei um emprego ha numa ... drogaria sita na vinte e quatro

#-----

2.

de: avião -- então de tanzania -- percorre // percorremos dois quilómetros até quer dizer/ cabo delgado até tanzania foi viagem terrestre eh: lá

chegámos: # Tot: 1 N°: 1 Ref: MOC12_VARAFR_ORAL

começámos a avistar-nos com outros são continuadores da tanzania -- e assim dialogámos -- tivemos debates com certos professores e certas visitas a

#-----

3.

eu tinha que vir queixar e eles eram ... eles sempre levavam porrada por terem terem me batido e xxx ha ha pá mais que isso ... foi infeliz porque não

cheguei # Tot: 3 N°: 1 Ref: MOC08_VARAFR_ORAL

de aprender nada no que os meus amigos estão/ estão agora mais adiantados em termos dos estudos quando eu ia à escola faltava faltava às aulas/ os meus

#-----

4.

dois dias no caminho gostei da viagem na minha também não tive assim muitos problemas só que atacou um bocado mas não houve problemas não / não / não

cheguei # Tot: 3 N°: 2 Ref: MOC06_VARAFR_ORAL

de me preparar assim muito bem porque aquilo foi uma surpresa um senhor daqui da zona falou de que ia a inhambane então eu pedi para que fosse comigo ele

#-----

5.

dias -- por fim voltámos da mesma maneira -- é só que: na tanzania houve uma ligeira diferença quanto aos nossos transportes de cá -- porque: não

cheguei # Tot: 3 N°: 3 Ref: MOC12_VARAFR_ORAL

de notar conforma -- esta tanta participação dos chapas cá -- porque lá eram: chapas tipo táxis -- e transportes públicos -- que é o mais que vi...

#-----

6.

ha acarreta as suas fases pode então ... durar um ano dois três quatro

ou cinco anos as pessoas a namorar como forma de poderem se estudar podem até

chegar # Tot: 2 N°: 2 Ref: MOC11_VARAFR_ORAL

numa fase de se engravidarem ... mas a namorar e daí então ... chegarem a uma fase de sentarem juntos... «olha o que é que nós devemos fazer? dar a conhecer

#-----

7.

dias portanto num domingo à tarde estávamos a passar nós dedicávamos à procura de frutos silvestres ou / de passarinhos portanto a caça etcetera então chegámos # Tot: 1 N°: 1 Ref: MOC07_VARAFR_ORAL num sítio onde havia ha ha portanto a frequência de muitos pássaros então nós também vimos uma média de meia dúzia de pássaros portanto num estilo ha /

Estas concordâncias evidenciam a existência de algumas construções do verbo *chegar* usuais no português falado em Moçambique mas não usadas no português europeu (PE), como, por exemplo, *chegar + em + expressão locativa ou temporal* (exs. 1, 6 e 7) que em PE seriam: *chegar + a + expressão locativa ou temporal* e perífrases verbais como, por exemplo, *chegar + de + infinitivo* (exs. 3, 4 e 5) que em PE seriam: *chegar + a + infinitivo*.

No ponto 4.2 serão dados outros exemplos de diferenças entre construções verbais nas variedades africanas e na variedade europeia.

3. O Léxico

Deste *corpus* foram extraídos léxicos comparativos e analisados e classificados 25.323 lemas (nomes 57%, adjectivos 25%, verbos 17% e estrangeirismos 1%) o que permitirá observar tendências para uma unidade ou para uma diversidade lexical entre as variedades africanas do português.

A seguir, apresenta-se um excerto dos cinco léxicos contrastivos, lematizados, constituídos por Nomes, Adjectivos, Verbos e Estrangeirismos:

Vocábulo	Cat	Forma	ANG		CV		GUI		MOC		STP		TTL
			O	E	O	E	O	E	O	E	O	E	
ELOGIAÇÃO	Nc		0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2
ELOGIAÇÃO		elogiação	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2
ELOGIAR	V		0	10	0	12	0	13	0	5	0	4	44
ELOGIAR		elogiado	0	2	0	3	0	0	0	1	0	0	6
ELOGIAR		elogia	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	2
ELOGIAR		elogiando	0	1	0	2	0	1	0	1	0	0	5
ELOGIAR		elogiando-lhe	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2
ELOGIAR		elogiar	0	1	0	2	0	1	0	1	0	0	5
ELOGIAR		elogiou	0	1	0	4	0	10	0	0	0	2	17
ELOGIAR		elogiou-o	0	2	0	0	0	0	0	0	0	1	3
ELOGIAR		elogiada	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2
ELOGIAR		elogiaram	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1

ELOGIAR		elogiou(sic)	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
ELOGIO	Nc		0	6	0	13	0	6	0	3	0	3	31	
ELOGIO		elogio	0	1	0	6	0	2	0	2	0	1	12	
ELOGIO		elogios	0	5	0	7	0	4	0	1	0	2	19	
ELOGIOSO	ADJ		0	1	0	2	0	2	0	1	1	0	7	
ELOGIOSO		elogiosos	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	
ELOGIOSO		elogiosa	0	1	0	0	0	2	0	0	0	0	3	
ELOGIOSO		elogiosas	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	
ELOGIOSO		elogioso	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2	
ELOQUÊNCIA	Nc		0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2	
ELOQUÊNCIA		eloquência	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2	
ELOQUENTE	ADJ		0	0	0	2	0	8	0	1	0	1	12	
ELOQUENTE		eloquente	0	0	0	2	0	7	0	1	0	0	10	
ELOQUENTE		eloquentes	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2	

Quadro 2. Excerto do Léxico contrastivo do *Corpus África*

3.1. O vocabulário “nuclear” e “periférico”

Feito o confronto dos índices lexicais de cada uma das variedades do *Corpus África* pôde saber-se quantos e quais são os lemas que constituem o núcleo vocabular comum aos 5 *subcorpora* e aqueles que ocorreram em quatro, três, dois ou apenas um dos *subcorpora*. São os resultados quantitativos deste confronto que se apresentam no Quadro 3.

Vocábulo comum a 5,4,3,2 variedades e observado em apenas 1 variedade	Percentagens de vocábulos	Percentagens de ocorrências
Comuns a 5 variedades	26%	91,75%
Comuns a 4 variedades	11%	3,80%
Comuns a 3 variedades	11%	1,82%
Comuns a 2 variedades	15%	1,29%
Só 1 variedade	37%	1,34%

Quadro 3. Vocabulário nuclear e vocabulário periférico (Nomes, Adjectivos, Verbos e Estrangeirismos).

Os lemas que ocorrem nos 5 países (26%) constituem o vocabulário nuclear do *Corpus* África – aquilo a que se poderia chamar o “Vocabulário Fundamental” deste *corpus* e que é também comum a *corpora* orais e escritos do PE. Estes lemas, que atingem altas frequências, constituem 91,75% das ocorrências de todo o *Corpus*. (Cf. Quadro 3). Destes lemas, os mais frequentes são verbos como *ser, ter, estar, fazer, haver, dizer, poder, achar, ver, etc.*

O que permite a intercompreensão dos falantes das variedades de uma mesma língua são, precisamente, os núcleos vocabulares e gramaticais comuns. Como dizem QUIRK *et alii* (1985), relativamente ao inglês, «A common core or nucleus is present in all varieties so that, however esoteric a variety may be, it has running through it a set of grammatical and other characteristics that are present in all the others. It is this fact that justifies the application of the name “English” to all the varieties.» (QUIRK *et alii*, 1985, *apud* Nelson, Gerald, 2006).

Fora do núcleo lexical comum, encontram-se os lemas que não são comuns aos 5 *corpora* e a que NELSON (2006) chama “as periferias vocabulares”. Nessas periferias encontram-se os vocábulos que ocorreram num só dos *corpora* e que registam, em geral, baixas frequências ou são *hapax legomena*. Assim, como também se pode ver no Quadro 3, aos 37% de vocábulos específicos de 1 variedade correspondem apenas 1,34% de ocorrências. É nas zonas periféricas que se podem detectar casos de variação lexical representativos de uma mudança, ou africanização, do léxico português, como, por exemplo, os vocábulos *muzongué, ndjambi, nhá, nhô, nholado, nostalgado, nubloso*, que só ocorreram no *corpus* de São Tomé e Príncipe.

Terminada a constituição do *Corpus* África, foram feitos alguns levantamentos e análises com o objectivo de dar conta das principais tendências observadas nas 5 variedades, no que respeita a factos linguísticos que apresentam desvios em relação à norma-padrão do PE. Podem, pois, apontar-se algumas diferenças, relativamente à norma europeia, que se revelaram mais sistemáticas, no que respeita a formações lexicais e a construções gramaticais.

4. Desvios à norma-padrão do PE

4.1. Formas lexicais neológicas

Os neologismos que vão ser apresentados foram recolhidos nas zonas periféricas do vocabulário e são produto de processos de formação lexical com base em radicais e afixos disponíveis na variedade europeia, dando origem a estruturas morfológicas conformes aos padrões derivacionais do PE e que, por isso mesmo, são previsíveis e de fácil interpretação (Cf. Rio-Torto, Graça, 2007). Só foram considerados os vocábulos que não estão atestados no *corpus* de exclusão que estabelecemos (*Vocabulário da Língua Portuguesa* de Rebelo Gonçalves e *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora) ou que nele estão marcados como africanismos. Isto não significa que algum destes neologismos não possa já ocorrer, actualmente, em produções orais ou escritas do PE.

Os quadros que apresentamos constituem uma amostra da produtividade lexical observável no *Corpus* África, oral e escrito. Damos, como exemplo, nomes e adjectivos formados com os sufixos -ante, e -ção.

No Quadro 4, apresentam-se neologismos com equivalente lexical em PE, mas com sufixos diferentes dos usados nesta variedade; no Quadro 5 apresentam-se neologismos para os quais não foram encontrados, no *corpus* de exclusão, equivalentes lexicais em PE.

Nos exemplos que ilustram os vários tipos de formações neológicas e de desvios gramaticais, serão indicadas, da seguinte forma, as variedades: Angola – A, Cabo Verde – CV, Guiné – G, Moçambique – M e São Tomé e Príncipe – ST e as fontes: Oral (O), Jornal (J), Livro literário (L) e *Varia* (V).

-ante	-ção / -ssão
desvelante A – desvelado PE	desalfandegação CV – desalfandegamento PE
realizante A – realizador PE	destacação CV – destacamento PE
desvalorizante CV – desvalorizador PE	parcelização CV – parcelamento PE
gesticulante M – gesticulador PE	confinação G – confinidade PE
deplorante ST – deplorável PE	passassão G – passagem PE
derrubante ST – derrubador PE	
desperdiçante ST – desperdiçador PE	

Quadro 4. Neologismos formados por sufixação, com equivalente lexical em PE, mas com sufixos diferentes dos usados nesta variedade

-ante	-ção
capacitante A – que capacita PE	positivação A – acção de tornar positivo PE
bagunçante CV – que faz bagunça PE	premiação A, ST, M – acto ou efeito de premiar PE
balançante CV – que balança PE	bancarização A, CV – financiamento por um banco PE
farejante M – que fareja PE	potencialização A – acção de tornar potencial PE
chocalhante ST – que chocalha PE	amealhção CV – acção de amearhar PE

Quadro 5. Neologismos formados por sufixação, sem equivalente lexical em PE.

4.2. Desvios gramaticais

O *Corpus* África permite, também, a observação de desvios gramaticais relativamente ao Português Europeu. Seguindo a tipologia proposta por Perpétua Gonçalves (Cf. GONÇALVES, P. 1997, pp. 37-70), estes desvios podem integrar-se nas seguintes áreas (Cf. BACELAR DO NASCIMENTO (no prelo) e BACELAR DO NASCIMENTO *et alii* (no prelo)):

– **Léxico-Sintaxe**, por exemplo, em casos de: Selecção Categorial, particularmente na Complementação Verbal, Ausência ou Uso Desviante de “se”, Expressões Quantitativas, Locativas e Temporais ou Marcação do Género dos Nomes;

– **Sintaxe**, por exemplo, em casos de: Ausência ou Uso Desviante do Artigo e Colocação dos Clíticos;

– **Morfossintaxe**, por exemplo, em casos de: Desvios à Concordância Verbal, à Concordância Nominal e à Concordância nas Formas de Tratamento assim como de Emprego do Modo Verbal e do Tempo Verbal.

Apresentam-se, seguidamente, exemplos de alguns destes desvios gramaticais à norma europeia:

4.2.1. Léxico-Sintaxe: Complementação Verbal

4.2.1.1. Ausência de preposição em Complementos verbais:

A – que no *Corpus* África ocorrem directamente ligados ao verbo, sem preposição, com função de Objecto Directo e que em PE têm a função de Objecto Indirecto:

8. “o estado **não paga o seu povo**” G (O)
9. “**perguntas uma pessoa**” G (O)
10. “**para dar os filhos de comer**” G (O)
11. “**pedir uma tia nossa** para tomar conta de nós” M (O)
12. “**assegurar os trabalhadores** a questão da doença” ST (O)

B – que no *Corpus* África ocorrem directamente ligados ao verbo, sem preposição, com função de Objecto Directo e que em PE têm a função de Objecto Preposicionado:

13. “**querem bater as pessoas**” A (O)
14. “para **o pai bater meu filho**” G (O)
15. “quando **ele pega essa cinta**” ST (O)
16. “**o doutor Mondlane assistiu o nosso jogo**” M (O)

4.2.1.2. Selecção de preposições diferentes das usadas em PE, em complementos verbais:

17. “eu não vou agarrar **da** minha formação” CV (O)
18. “vai **num** hospital” G (O)
19. “qualquer dia vamos chegar **num** ponto” G (O)
20. “ninguém se preocupa **em** nada” G (O)

4.2.2. Sintaxe: Colocação dos clíticos

A diferente colocação dos clíticos, face ao PE, é uma das propriedades sintácticas visíveis nas variedades africanas do português e que distingue, também, as gramáticas das diversas variedades da nossa língua. A posição enclítica constitui o padrão básico, não marcado, na variedade europeia do português moderno e, segundo Martins (1994), é este o padrão em expansão. A continuação dos estudos agora iniciados sobre o *Corpus* África poderá levar a algumas conclusões sobre tendências para o predomínio da ênclise

ou da próclise nas diferentes variedades e em géneros ou tipos de discurso particulares. Dada a grande variação que ocorre nos cinco *subcorpora* do *Corpus África*, só uma análise exaustiva dos dados (que não estava prevista no âmbito dos projectos agora concluídos) permitirá fornecer pistas nesse sentido. Como se sabe, também no PE se observa grande variação relativamente às descrições existentes, particularmente no discurso oral.

4.2.2.1. Posição proclítica no *Corpus África*

Exemplos de próclise quando o padrão normativo do PE exige ênclise:

21. “portanto **se arquitectou** a ideia de admitir mulheres” CV (O)
22. “mas isso, **se verifica** sobretudo [...], nas camadas mais pobres” CV (O)
23. “**se faz** o tratamento da lepra ali” G (O)
24. “depois **se prepara** ir na escola” A (O)

4.2.2.2. Posição enclítica no *Corpus África*

Nos exemplos seguintes, temos contextos em que na variedade europeia se esperaria a próclise, mas em que ocorre ênclise nas variedades africanas:

25. “quando o doutor Pinto **retira-se**” A (O)
26. “neste caso que o senhor **perguntou-me**” M (O)
27. “eram as únicas pessoas que **serviam-nos** como mães e pais” M (O)
28. “há quem diga que **corta-se** a palmeira não é?” ST (O)

4.2.2.3. Posição do clítico em formas verbais complexas

Em formas verbais complexas com um verbo auxiliar flexionado e um verbo principal no infinitivo, o PE aceita, em geral, as duas posições, enclítica ou proclítica, sendo a enclítica preferida normativamente. A colocação do clítico entre as duas formas verbais, que ocorre nas variedades africanas, na maioria dos casos não permite afirmar se ele está em ênclise ao verbo auxiliar ou em próclise ao verbo principal, com se ilustra nos exemplos seguintes:

29. “por isso **não posso me arriscar**” CV (O)
30. “não sei **se um dia Deus vai me abrir** as portas” A (O)
31. “acho que **isso é que deve se fazer**” G (O)

Só é possível determinar se é ênclise ou próclise quando há um elemento entre o verbo auxiliar e o verbo principal.

Exemplos de ênclise ao verbo auxiliar:

32. “**não está-se a ver** muito bem” CV (O)
33. “e **tem-se de criar** com o meio” CV (O)

Exemplo de próclise ao verbo principal:

34. “porque nós **não conseguimos ainda nos situar**” G (O)

Como se vê, registam-se, nestes casos, hesitações, mesmo quando se observa o discurso de um mesmo locutor, como nos exemplos 35a) e b) produzidos por um falante de Angola:

- 35a. “**não está-se a lembrar**”, em ênclise ao verbo auxiliar
 35b. “**não estou a se lembrar**”, em próclise ao verbo principal

4.2.3. Morfossintaxe: Não concordância nas formas de tratamento

Esta não concordância é visível no uso, sequencial, de *você* e de pronomes ou formas verbais da 2ª pessoa (exs. 36, 37 e 38) ou de *tu* e de pronomes ou formas verbais de 3ª pessoa (ex. 39):

36. “**você lava** um carro **te dão** os quinhentos mil.” A (O)
 37. “**aí você cultiva vai na tuas lavra**” A (O)
 38. “**você quer receber teu dinheiro**” ST (O)
 39. “**tu passas e vê** o lixo” G (O)

4.3. Variação no uso

Os desvios gramaticais que se têm observado no *Corpus* África não são sistemáticos, isto é, em todas as variedades e tanto no Oral como no Escrito se observam casos de construções umas vezes usadas de forma normativa, outras vezes de forma desviante, conforme se pode constatar nos exemplos desviantes e nos exemplos normativos (40 a 59). O facto de algumas construções desviantes já ocorrerem no registo escrito parece indicar algumas tendências que poderão ou não vir a estabilizar-se.

Numa das construções de Assistir, em que o verbo tem o sentido de “Presenciar”, “Ver como espectador”, este umas vezes segue o padrão do PE que é o de Verbo seguido de Sintagma Preposicional (V+a+SN), outras vezes ocorre como verbo transitivo, ou seja, seguido directamente de um Sintagma Nominal (V+SN), como se observa tanto no corpus oral como no corpus escrito:

Exemplos desviantes:

40. “confessou ter já **assistido vários documentários**” A (J)
 41. “que não mais venhamos a **assistir casos** como falta de luz em pleno trabalho de parto” A (J)
 42. “**assistimos um crescendo** de teorização” CV (J)
 43. “era certo ele descer a Vila a **assistir a sessão** comemorativa” CV (L)
 44. “os familiares **iam assistir exame oral**” G (O)
 45. “dezasseis mil guineenses que **assistiam o jogo** no Estádio Nacional” G (J)

46. “**assistiu** ontem num hotel de Bissau **o acto de abertura**” G (J)
 47. “já **assisti os casados a divorciarem-se**” M (O)
 48. “gostamos de **assistir televisão**” M (J)
 49. “e ficar pendurado nos muros [...] **assistir jogos**” M (O)

Exemplos normativos:

50. “Cynthia Efird que **assistiu a alguns eventos**” A (J)
 41. “um vigilante para mandar as pessoas irem assistir às aulas” A (O)
 52. “Que bom seria **assistir**, por exemplo, **a um debate**” CV (J)
 53. “para se mandar gente **assistir à colheita do milho**” CV (L)
 54. “**assistiu** impotente **à venda, à usurpação**” G (V)
 55. “Sirá **assistiu a toda a cena**” G (L)
 56. “A multidão que se juntou à volta para **assistir à luta**” M (L)
 57. “fica a **assistir ao desfecho do confronto**” M (V)
 58. “nenhum dos meus familiares **iria assistir ao casamento**” M (O)
 59. “convidados a **assistir às celebrações**” ST (J)

Na maior parte das construções estudadas, são mais frequentes os usos normativos do que os usos desviantes, sendo de referir, também, que esta variação acontece, por vezes, no discurso de um mesmo falante (60 a 62) ou num mesmo texto escrito (63).

Exemplos:

60. “**vou ao hospital** [...] depois **vou na praça** comprar” A (O)
 61. “**fui-me** matricular **tendo-se** matriculado comecei a estudar” M (O)
 62. “talvez se **estivesse** cá o pai talvez **podia** conseguir” M (O)
 63. “o puto agora bem calado a **assistir à conversa** dos mais-velhos” [...]”embora a KiBebucha estivesse autorizada a **assistir tudo**, não podia assinar nada” A (L)

Os casos analisados demonstram, pela variação observada, que existe grande instabilidade nos factos linguísticos em estudo pelo que devem ser tidos como tendências e não como fenómenos estáveis. A continuação das análises agora iniciadas poderá contribuir para mostrar quais destas tendências se encontram em vias de estabilização, facto que pode ser indiciado pela frequência que os fenómenos apresentam, principalmente quando atingem a língua escrita.

Importa, pois, dizer que estão à disposição de todos em www.clul.ul.pt novos materiais que permitem continuar e aprofundar estas linhas de investigação e dar início a muitos outros estudos sobre a evolução do português em contextos multilingues e sobre a variação e mudança do português no mundo, com base em análises contrastivas entre um número cada vez maior de variedades.